

MOBILIÁRIO NEOCOLONIAL BRASILEIRO: FORMAS, NOMES E  
IDENTIDADES.

BRAZILIAN NEOCOLONIAL FURNITURE: FORMS, NAMES AND IDENTITIES.

Marcele Linhares Viana\*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo**

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de mestrado defendida em 2005 com o título “Mobiliário Neocolonial – a busca pela tradição na modernidade nacional (1920-1930)”. Estudar o mobiliário brasileiro, sob o ponto de vista contemporâneo, considerando todas as heranças nativas, lusitanas e espanholas, é um importante desafio para a historiografia da arte brasileira. Perceber e compreender esses legados, no contexto do início do século XX, dentro da perspectiva híbrida do ecletismo e sob a sombra das teorias modernistas, aponta para diversas questões que envolvem o mobiliário brasileiro através de suas formas, nomes e significados.

**Palavras chave:** Mobiliário, Neocolonial, Brasil.

**Abstract**

This work presents part of the masters research defended in 2005 with the title "Furniture Neocolonial - the search for national tradition in modernity (1920-1930)". To study the Brazilian furniture currently considering all native, Lusitanian and Spanish heritage, it is an important challenge for the history of Brazilian art. Perceive and understand these legacies, in the context of the early twentieth century, within the hybrid perspective of eclecticism and under the shade of modernist theories, points to several issues involving the Brazilian furniture through its forms, names and meanings.

**Keywords:** Furniture, Neocolonial, Brazil.

Por um longo tempo o mobiliário e as artes decorativas foram classificadas como “artes menores” e fizeram parte da maioria das pesquisas em História da Arte como manifestações artísticas secundárias. O interesse pelo assunto como objeto de pesquisa começou a despontar no Brasil com a preocupação pelo resgate do passado histórico e artístico nacional a partir da primeira metade do século XX. Esse período coincidiu com o desenvolvimento do movimento neocolonial e da produção de móveis inspirados nos estilos antigos nacionais.

Produzido durante a primeira metade do século XX, principalmente entre as décadas de 1920 e 1940, o mobiliário neocolonial fez parte de uma importante etapa no desenvolvimento dos móveis nacionais. Ao propor um enfoque direcionado para o conhecimento da história do mobiliário brasileiro e para sua releitura através do revivalismo dos estilos coloniais, o neocolonial estabeleceu uma nova reflexão sobre a arte mobiliária no país. Identificado com frequência como apenas uma manifestação tardia do ecletismo, o estilo marcou uma fase de renovação do conceito do móvel no Brasil, estabelecendo uma transição entre o mobiliário eclético nacional, profundamente influenciado pelos estilos estrangeiros, e a introdução no mercado do móvel moderno brasileiro. E mesmo atualmente, a pesquisa sobre a arte mobiliária moderna brasileira, por exemplo, apresenta-se muito mais avançada que a do neocolonial, embora os estilos tenham sido contemporâneos. Provavelmente pelo fato do movimento ter sido, por vezes, classificado como um “pastiche estilístico” ou como uma tendência tardia do ecletismo nacional, ele tenha ficado à margem, em grande parte, das pesquisas na área de História da Arte.

O móvel neocolonial, portanto, praticamente não possui material levantado sobre sua produção, diferentemente das publicações acerca da arquitetura no estilo que apresenta alguns trabalhos sobre o tema<sup>1</sup>. No Brasil, a bibliografia disponível atualmente sobre o móvel nacional compreende o histórico do mobiliário colonial e imperial que se limita a fins do século XIX<sup>2</sup>, enquanto a documentação sobre os móveis do século XX<sup>3</sup> dá enfoque à produção mobiliária nacional de linhas modernas e *art déco*, deixando um espaço vago no que se refere à primeira metade do século XX, principalmente no Rio de Janeiro.

Este trabalho teve como primeira etapa o levantamento geral dos antecedentes e das origens do movimento – que também se desenvolveu em praticamente todos os países do continente Americano<sup>4</sup> – e sua repercussão no Brasil. Travamos contato com as questões ideológicas defendidas através dos artigos e reportagens sobre o neocolonial em revistas especializadas em arquitetura e decoração – principalmente “A Casa” e “Architectura no Brasil” – publicadas entre as décadas de 1920 e 1940 na então capital carioca.

A arte do mobiliário nunca foi independente, separada da vida cotidiana. Esteve sempre identificada com as idéias, com a moral e com a maneira de viver de um dado período. (...) A história dos estilos através dos séculos é concludente a este respeito. As linhas de cada estilo revelam características fatais da época em que ele nasceu e floresceu.<sup>5</sup>

No levantamento sobre os estilos de móveis fabricados na primeira metade do século XX, é possível visualizar a diversidade do mercado mobiliário da época e

as diferentes tendências estilísticas correntes no país, como o ecletismo, o *art déco* e o moderno funcionalista. Eles convivem em aparente harmonia com o mobiliário neocolonial que identificamos como um conjunto de estilos de móveis que compunham um grupo que leva tal nome. Dividido em sub-estilos neos, o mobiliário neocolonial apresentava suas variações inspiradas nos estilos do passado nacional luso-brasileiro.

Além de apontar e analisar as particularidades de cada sub-estilo neocolonial, verificamos as principais características presentes na sua produção mobiliária em geral, como materiais, técnicas construtivas e decorativas, tipologias etc. Levantamos também, as questões conferidas ao mobiliário na primeira metade do século XX que nos revelaram os valores atribuídos aos móveis na época e como tais conceitos estiveram presentes na vida da sociedade carioca inserida na “modernidade” que se instaurava no país.

## 1. O móvel neocolonial no Brasil

Estilo é a forma peculiar das coisas. É um modo de ser inconfundível. É a fisionomia. É o rosto. Não ter rosto é um mal tão grande que as cidades com receio de criar seu próprio importam máscaras alheias para fingir que têm um.<sup>6</sup>

No início o século XX, parecia necessário, diante do contexto da época, o processo de definição de um estilo mobiliário que fosse “essencialmente nacional”. A consolidação do regime republicano reforçava a necessidade de afirmação da cultura brasileira em todos os setores artísticos. A importância da história nacional, inclusive a que estava por se fazer, foi uma importante peça no processo de reconhecimento da nação. Dessa maneira, a criação – ou invenção<sup>7</sup> – de um estilo nacional brasileiro no início do século XX devia, acima de tudo, preencher a lacuna entre a produção artística colonial e a realidade da vida inserida na modernidade.

Muita gente diz que somos obrigados a empregar os diferentes estilos estrangeiros (...). Puríssimo engano, pois para que isso fosse uma razão verdadeira, era preciso que já não fôssemos um povo, senhor de um país, aliás, enorme, com clima, civilização e temperamento definidos. (...) O que ficou dito atrás, é tanto mais verdade quanto para quem não queira ser cego vendo, diante dos olhos, este velho estilo colonial. Dizemos velho, porque vem dos nossos avós e há cem anos que o abandonamos (...).<sup>8</sup>

Nas reflexões sobre o estilo nacional, estiveram presentes questões como o clima nativo e a tradição dos móveis do período colonial, considerados como pontos iniciais da produção artística “verdadeiramente” brasileira, que foi interrompida durante o século XIX e que “precisava ser” retomada no século XX. A afirmação nacional através do estilo tradicional brasileiro, o neocolonial, foi, portanto apresentado como um “processo natural” da “evolução” da arte brasileira interrompida pelos estilos estrangeiros importados durante grande parte do século anterior.

Todo estilo tem seu habitat próprio. (...) entre nós deve e é forçoso que haja um estilo nosso; que o chamem colonial, tradicional, regional, nacional, ou outro epíteto mais saboroso, a juízo dos críticos. Esse estilo terá que ser como em toda parte, a consequência do nosso clima, nossa cultura, nosso temperamento, em todas as suas manifestações boas e más.<sup>9</sup>

Seguindo as bases características dos estilos de móveis do passado nacional, o conjunto do mobiliário neocolonial congregou em um único estilo vários estilos, influenciados pelas correntes estilísticas brasileiras e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. Essas diferentes linguagens dos estilos antigos foram reelaboradas dentro do contexto mobiliário da primeira metade do século XX e compunham o conjunto de estilos neocoloniais.

Existem no Brasil vários estilos dentro do período colonial. É perfeitamente natural que assim suceda. A citação da existência de vários estilos na época colonial é, porém uma generalização abstrata, pois ao que nos parece, até este momento ainda não se realizou o trabalho de caracterizar esses estilos de um ponto de vista brasileiro.<sup>10</sup>

Os estilos antigos que inspiraram os estilos neocoloniais foram o Nacional Português, Dom João V, Dom José I e uma variação mais simplificada desse último estilo.<sup>11</sup> A organização adotada para identificar e classificar os estilos de móveis acompanhou a linha metodológica utilizada na maior parte da bibliografia referente ao móvel colonial e imperial, a partir do estilo Nacional Português. Foram encontrados alguns móveis que se inspiraram no estilo precedente, Indo-português, em acervos de antiquários no Rio de Janeiro, mas em número bastante reduzido e pouco significativo. Outros estilos que encontramos, também em pequenas proporções nos antiquários e quase inexistentes nas reportagens das revistas, foram o Dona Maria e o Dom João VI (Império). Como não apresentaram um número considerável de exemplares não inserimos esses móveis no contexto neocolonial, embora até os dias atuais sejam comercializados pelas lojas de antiguidades que dispõem a venda tanto móveis nesses estilos como, inclusive, peças originais do século XIX.

Dessa forma, priorizamos os estilos nacionais e suas manifestações que mais foram publicados e consumidos na primeira metade do século XX para traçarmos um panorama da produção neocolonial no conjunto do mobiliário carioca:



Fig. 1. Sala de jantar Neo Nacional Português ou Manuelina. Revista A Casa. Rio de Janeiro, janeiro 1944, p 14.

O estilo nacional português foi um dos principais estilos antigos resgatados pelo neocolonial no século XX. Da documentação de pesquisas feitas sobre o móvel colonial, José Marianno Filho<sup>12</sup>, um dos principais agentes do movimento no Brasil e o mais ativo no Rio de Janeiro, classificou todo e qualquer móvel precedente ao estilo Dom João V, como Manuelino;<sup>13</sup> e adotou essa designação para classificar os móveis em estilo (Neo)Nacional Português dos séculos XVII e XX. A justificativa do autor para tal denominação se relacionava com

(...) a primeira exposição de fotografia de móveis [coloniais] realizada pelo SPHAN, [onde foram feitas] as necessárias restrições ao critério adotado para as classificações. De fato, o classificador atribuiu ao estilo Manuelino móveis anteriores a caracterização portuguesa do estilo Luís XIII, e ainda ligado a arte espanhola dos Filipes.<sup>14</sup>

Em outras pesquisas da época, como a de Lúcio Costa (1944), o autor reconhecia a existência de um estilo precedente ao Dom João V, mas não o classificou com nome de nenhum monarca. Na documentação de José Wasth Rodrigues (1952), o autor considerou as linhas dos móveis no estilo, mas também não lhes atribuiu uma nomenclatura específica. Rodrigues restringiu-se em corrigir a denominação de José Marianno, afirmando que “estas mesas são

erradamente denominadas no Brasil, ‘manuelinas’. Na verdade nada têm a ver com o estilo ou com a época de D. Manuel I.”<sup>15</sup>

Nos concursos promovidos por Marianno Filho, ele usou a denominação Manuelino para identificação do estilo de móveis que devia ser desenhado. Acreditamos que a falta de uma definição de um padrão estilístico, tenha deixado uma lacuna quanto à nomenclatura na época colonial já que esse móvel ainda foi chamado, por ele em suas documentações, de “mobiliário jesuítico”. Cremos que a adoção, no século XX, do nome de um monarca português para o estilo tenha sido no sentido de valorizá-lo e de igualá-lo aos demais estilos ligados aos reis Dom João V e Dom José I. Historicamente, no entanto, o período de produção do móvel Nacional Português não coincidiu com o do reinado de Dom Manuel I.<sup>16</sup>

De fato, nas páginas das revistas, o estilo neocolonial predominante foi o Neo-Nacional Português ou, de acordo com José Marianno, Neomanuelino. Seus móveis, alguns de linhas mais simples e outros mais trabalhados, compunham geralmente salas de estar ou jantar além de gabinetes e escritórios. Algumas residências eram decoradas em todo seu interior com móveis nesse estilo. Suas linhas construtivas, com torneados e torcidos, compunham os interiores repetidos em portadas, balaústres de escadas e colunas estruturais ou decorativas. O aspecto sóbrio e decorativo do móvel facilitou sua adaptação à decoração de diferentes cômodos residenciais. Instituições públicas e privadas também adotaram o mobiliário nesse estilo para salas de reunião e gabinetes de direção, conferindo a esses ambientes certa imponência presente na configuração de seus móveis.

Dentre os principais materiais utilizados na fabricação do móvel Neo-Nacional Português ou Neomanuelino encontramos o uso da madeira escura recortada e torneada com assentos em couro de sola, fixados por tachas. Suas características construtivas tinham como base uma estrutura reta complementada por torneados de diversos tipos como torcidos, em gomos, bolachas, discos e bilros. Fizeram parte do vocabulário formal Neomanuelino ainda molduras em tremidos, goivados e espinhados (escama de peixe), e almofadas de portas e gavetas também podiam apresentar acabamento em bico de diamante. O couro de sola gravado foi usado como principal revestimento e apresentava decorações fitomorfas com curvas e contracurvas e brasões nos assentos e espaldares. Os armários e gavetas possuíam puxadores em substituição aos espelhos de fechaduras em metal. Acreditamos que os móveis deste estilo tenham sido os mais comuns na época, já que foi o estilo mais publicado nas reportagens das revistas e o mobiliário mais encontrado em nossa pesquisa de campo.





Fig. 2. “Vestiário” da residência à Rua Figueiredo Magalhães, armário Neo Dom João V. Revista A Casa. Rio de Janeiro, janeiro 1943, p 15.

O Neo Dom João V foi o outro estilo bastante presente nas páginas das revistas, juntamente com o Neo Dom José I. Nos antiquários ambos os estilos representam atualmente as tendências neocoloniais predominantes. O estilo se adequava a quaisquer ambientes: salas de jantar ou estar, dormitórios e também podiam ser encontrados, com menos frequência, em escritórios. Sua composição, de linhas sinuosas foram valorizadas em uma ampla tipologia mobiliária, inclusive ao lado de móveis totalmente estofados.

Em um concurso de mobiliário promovido por José Marianno Filho, em 1924, o estilo foi definido, no regulamento, para projeto de mobiliário para sala de jantar, ao lado do Neomanuelino, escolhido para sala de estar. Porém, o estilo Neo Dom João V, considerado, por Marianno Filho, como “muito faustoso” para a época colonial, se comparado ao Nacional Português, não pareceu, no século XX, suficientemente glamuroso para alguns de seus consumidores,<sup>17</sup> já que

“(...) os clientes endinheirados reclamavam, é que o verdadeiro estilo Dom João V não era suficientemente majestoso. Tornava-se necessário fugir das proporções clássicas, e “enriquecer” o estilo, para honra e glória aqueles que iam gozá-lo. Como era de se esperar o

“enriquecimento” do mobiliário Dom João V tornou os móveis mais caros, mas não lhes melhorou o feitio artístico”.<sup>18</sup>

Uma das principais características do móvel Neo Dom João V foi a composição entre a base de linhas retas e robustas com o movimento proporcionado pelo uso da perna curva (cabriolé), algumas vezes coroadas com joelheiras. Essa configuração estrutural dos móveis no estilo no século XX foi mais simplificada se comparada ao do período colonial, mas ainda prevaleceu, principalmente nas mesas e cômodas, pois nas cadeiras essa característica foi menos comum. Em relação ao estilo anterior, os móveis de estilo Neo Dom João V apresentavam maior movimentação, com uso de linhas curvas que deram dinâmica à composição mobiliária do estilo.

A adoção de detalhes vazados nos espaldares das cadeiras, com tabelas de recortes simétricos ondulados, e o acabamento do frontão em formato de concha estilizada foram elementos decorativos frequentes no estilo. Os pés podiam adotar feições de voluta, garra-e-bola ou esfera achatada. As ornamentações nos assentos em couro de sola seguiam motivos vegetais como folhas de acanto, volutas, concheados e brasões, enquanto os puxadores e espelhos de fechaduras apresentavam elaborados trabalhos em metal.



Fig. 3. Sala de jantar Neo Dom José I (mesa, 6 cadeiras e espelho). Revista A Casa. Rio de Janeiro, janeiro 1944, p 15.



O estilo Neo Dom José foi também um dos estilos mais presentes nas revistas da época e atualmente um dos mais valorizados nos antiquários cariocas. Alguns pesquisadores do móvel colonial brasileiro consideravam o estilo de linhas rococós apenas uma manifestação tardia do Dom João V que se estendeu até o reinado de Dom José I. Para José Marianno Filho não havia motivos suficientes que diferenciasses um estilo do outro, em sua opinião a linha Dom João V se estendeu até o neoclassicismo brasileiro, representado pelo estilo Dona Maria I em fins do século XVIII e início do XIX.

De fato, no que respeita a composição propriamente dita, não houve alterações fundamentais de forma. Maior ondulação nos modelos, e ornamentação mais delicada e opulenta, não justificam a formação de um novo estilo.<sup>19</sup>

Nas pesquisas de José Wasth Rodrigues e Lúcio Costa sobre o móvel colonial, o primeiro chamou de Dom José I o estilo que tomou como “forma própria a inclinação pelo rococó”<sup>20</sup> francês. Lúcio Costa não denominou o estilo, mas reconheceu – e ilustrou – a transformação sofrida pelo mobiliário dessa época que ganhou linhas mais suaves se comparadas ao Dom João V. Não desconsideramos, no entanto, a influência de José Marianno sobre a produção – inicial, principalmente – do mobiliário neocolonial reforçada, sobretudo, por seus artigos publicados na imprensa e pelos concursos. Acreditamos também que, com a ampliação e o maior aprofundamento das pesquisas, o repertório estilístico neocolonial tenha se ajustado, englobando, inclusive o estilo de mobiliário Neo Dom José I que, embora muitas vezes não tenha recebido este nome, esteve presente na produção mobiliária da primeira metade do século XX.

A preferência pelo título (Neo) Dom João V, talvez estivesse ainda vinculada à ideia de que o rococó era apenas uma parte integrante do barroco. Isso explica o uso frequente da denominação – tanto nas documentações de época, quanto hoje em dia pelos antiquários – de (Neo) Dom João V aos móveis de fato em estilo (Neo) Dom José I.<sup>21</sup>

O mobiliário Neo Dom José foi caracterizado no século XX por suas linhas elegantes de influência rococó. O móvel no estilo possui leveza estrutural e decorativa, com o trabalho de entalhe menos profuso que do estilo anterior e com a diminuição no uso de traves. As pernas cabriolés tornaram-se mais delgadas, terminadas em pés com volutas, pés-de-cabra ou folhas de acanto. O espaldar mais baixo que os usados no estilo Neo Dom João V, ganhou formato de violão independentes do assento, ligando-se à ele por duas peças laterais. O uso do revestimento em couro permaneceu, embora alguns assentos também recebessem forração em tecido. Nas decorações gravadas em couro ou entalhadas na madeira predominavam festões, rocalhas, flores, concheados e feixes de plumas.

No conjunto de móveis neocoloniais, um estilo de linhas similares às dos móveis de estilo Neo Dom José I, embora mais simplificadas foi encontrado em nossa pesquisa. Algumas denominações informais o classificam como “*Chippendale*”<sup>22</sup> embora não apresente ligação direta com o estilo inglês.<sup>23</sup> Rodrigues, em artigo intitulado “Mobiliário” (1952), apontou para as influências portuguesa, inglesa e francesa no móvel brasileiro embora também não tenha afirmado qualquer relação com o “estilo simplificado” do século XX. Os móveis

“Chippendale” possuíam decorações similares as dos móveis Neo Dom José I, embora com estrutura formal mais limpa, uso de “pés tortos” (pernas cabriolés), espaldares e cabeceiras com recortes curvos e molduras onduladas simplificadas.

Acreditamos que, conforme o mobiliário “Chippendale” foi se distanciando das linhas de móveis Neo Dom José I, fez-se necessário adotar outra nomenclatura, no sentido de evitar um embate com a ideologia do movimento que pregava busca de referências para os móveis apenas nos estilos antigos coloniais. (Fig. 4).



Fig. 4. Conjunto de quarto “Chippendale” (cama, 2 mesas de cabeceira, cômoda e oratório). Fazenda Santo Antônio de Pádua, Vale do Paraíba. Revista Viver Bem, São Paulo, 1996.

Outras tendências do mobiliário antigo brasileiro fizeram parte, em menores proporções, do conjunto neocolonial – como o estilo Colonial Mineiro que continuou sendo produzido, embora não faça parte atualmente do acervo dos antiquários pesquisados nem esteja registrado nas revistas da época. Os estilos que apareceram com maior frequência e que acreditamos, portanto, que foram mais atuantes na produção do móvel nacional foram o Neo-Nacional Português ou Neomanuelino, o Neo Dom João V e o Neo Dom José,<sup>24</sup> – estilos que estiveram relacionados às pessoas da elite no período colonial, o que nos remete a um símbolo de *status* resgatado através dos móveis neocoloniais. Esse conjunto de

sub-estilos, que compunham o estilo neocolonial, foram os mais divulgados na época e permaneceram nos acervos públicos e particulares até os dias atuais.

A identificação dos estilos, porém, não nos apresentam um quadro completo de características para a completa compreensão do móvel neocolonial. As condições da época, bem como os materiais utilizados e as formas de fabricação e comercialização dos móveis, interferiram diretamente na sua produção e complementam a análise do mobiliário no estilo.

## 2. Características do mobiliário neocolonial brasileiro

Além de resgatar as linguagens estilísticas do passado, o grande desafio do estilo – tanto em relação ao móvel quanto à arquitetura – foi adaptar as formas antigas aos usos e costumes da vida moderna do século XX. Assim, a tensão entre passado e presente se tornou uma constante nas discussões acerca da composição do móvel neocolonial, pois ele pretendia atender a demanda da época conciliando as características formais e estilísticas do móvel tradicional brasileiro.

Nesse sentido, a pesquisa histórica do móvel brasileiro passou a ser um dos principais elementos para a consolidação do móvel neocolonial, pois essas referências tornaram-se fundamentais para a construção do estilo e definição de suas principais características. Os concursos, divulgados através das principais revistas da época, colaboraram no sentido de instruir a produção desse móvel já que incentivava uma pesquisa mais aprofundada e pretendia premiar os modelos estilísticos mais adequados à proposta neocolonial.

Mesmo com a iniciativa por parte dos arquitetos e dos patrocinadores, nada foi publicado oficialmente sobre o móvel neocolonial<sup>25</sup> na época. Muitas ideias controversas sobre a arte mobiliária do passado colonial brasileiro talvez tenham sido responsáveis pela dificuldade de organizar as características do estilo neocolonial. Mesmo assim, reconhecemos importantes elementos característicos no móvel tradicional brasileiro da primeira metade o século XX, como:

- A diminuição da escala da maioria dos móveis se comparados aos do período colonial;
- O uso da madeira como principal material construtivo;
- A adoção de revestimentos como o couro de sola, palhinha e tecido;
- Elementos decorativos mais simplificados que os do período colonial;
- Fabricação – cada vez mais – mecanizada do móvel;
- A comercialização dos móveis em conjuntos;
- Adaptação e ampliação da tipologia dos móveis.

## Conclusão

A pesquisa em torno do mobiliário neocolonial apresenta um importante desafio, pois, embora os tradicionalistas ligados ao movimento tivessem se empenhado no levantamento histórico do móvel colonial e na disseminação de seus ideais, até os dias atuais o estilo de mobiliário neocolonial não havia recebido atenção suficiente em estudos nos quais fossem analisadas suas manifestações. O processo de pesquisa deste mobiliário consistia, então, em trabalhar com as fontes dessa época incluindo as que se relacionavam com a investigação mobiliária que foi desenvolvida pelos adeptos do Movimento sobre o período colonial.

A relação temporal – entre presente, passado e futuro – encontrada nos discursos dos intelectuais ligados ao neocolonial nos direcionou para o foco central do Movimento apresentado pelo pensamento de seus idealizadores no país. A valorização do mobiliário antigo nacional através dos estilos revivalistas se configurava como o ponto inicial desse processo. A partir dele, nos deparamos com outras questões que envolveram a produção mobiliária neocolonial no contexto sociocultural da época direcionada à consolidação da modernidade nacional.

O próprio contexto da cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX, diante de revoluções e transformações sociopolíticas, favoreceu o desenvolvimento desse pensamento nacionalista que reforçou as propostas neocoloniais no Brasil. O interesse pelas “coisas nacionais” demonstrava a importância que foi dada pela sociedade da época à iniciativa de olhar para si, de valorizar-se. A vontade de se construir uma história para o país, através de raízes próprias, fazia parte dessa reflexão nacionalista. No entanto, a questão nacional também se relacionava diretamente com o contexto de modernidade que se instaurava e, portanto, ser moderno no Brasil nessa época, e principalmente na então capital do país, era ser “nacional”.

Essa atmosfera nacionalista norteou os caminhos da modernidade brasileira, reconstruindo a tradição nacional como uma base para sua emancipação artística. Portanto, “modernidade, nacionalidade e tradição” formaram o triângulo a partir do qual o neocolonial se configurou atendendo, através do “estilo tradicional”, a maior parte da demanda mobiliária na primeira metade do século XX, mostrando-se mais significativo em termos de receptividade pela sociedade carioca do que outros móveis.

O móvel neocolonial passou, então, a simbolizar a conjunção da tradição com a modernidade a partir do mobiliário que remetia aos estilos do passado colonial, ao mesmo tempo em que estava adaptado às exigências e necessidades da vida “moderna”. Através do resgate de estilos, nomes de monarcas, brasões, materiais e “gostos nacionais”. O móvel neocolonial remontou a história do mobiliário brasileiro a partir de sua reedição que foi muito além da simples cópia de estilos antigos, adaptando-se às demandas do presente. Esse retorno às referências nacionais do passado englobou ainda uma investigação histórica e técnica sobre os móveis e manteve, acima de tudo, o compromisso de inaugurar

uma nova etapa na produção nacional, consolidando a identidade mobiliária brasileira.

A partir dessa reflexão, o reconhecimento do passado tradicional foi encarado como um importante meio de construção para a produção artística do futuro. A crença de que estavam “guardadas” no passado nacional as “verdadeiras bases” da nossa produção artística guiou os rumos da produção neocolonial e, conseqüentemente, das demais manifestações mobiliárias futuras. De fato, não seria possível a produção dos móveis modernos nacionais, no decorrer dos anos seguintes, sem o processo desencadeado pela iniciativa neocolonial.

Vemos assim a proposta de um estilo, que inserido na modernidade da primeira metade do século XX, se relacionou diretamente com os conceitos e valores – de modernidade e tradição nacionais – que estiveram em voga na época, complementando o importante quadro da história do mobiliário e das manifestações artísticas brasileiras.

## NOTES

<sup>1</sup> Como, por exemplo, a tese “Entre o pastiche e a modernidade: a arquitetura neocolonial no Brasil” de Carlos Kessel (2002), “Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe e Estados Unidos” de Aracy Amaral (Org.) (1994), “Arquitetura, Urbanismo e Dependência Neocolonial” de Padilha e Gimenez (1973) e “Inventário Arquitetônico Neocolonial: Município do Rio de Janeiro” de Francisco Veríssimo e William Bittar (1983).

<sup>2</sup> Como, por exemplo, os livros “O Móvel no Brasil: origens, evolução e características” (1985) e “O Móvel do Século XIX no Brasil” (1989), de CANTI, Tilde; “Mobiliário Baiano – séculos XVIII e XIX. Salvador” de HELENA FLEXOR, Maria (1970); “Mobiliário” e “Mobiliário do Brasil Antigo: Evolução das cadeiras brasileiras” de WATSH RODRIGUES, José (1957) e “Mobiliário Artístico Brasileiro” ALMEIDA SANTOS, José de (1944).

<sup>3</sup> Como, por exemplo, a publicação “Móvel Moderno no Brasil” (1995) de LOSCHIAVO DOS SANTOS, Maria Cecília e “O Móvel da Casa Brasileira” do Museu da Casa Brasileira (1997).

<sup>4</sup> Países como Colômbia, México, Uruguai, Paraguai, Peru, Venezuela, Chile, Equador, Argentina, Bolívia, Guatemala, Panamá, Cuba, Porto Rico, República Dominicana, Costa Rica, Honduras e Estados Unidos desenvolveram o estilo Neocolonial de acordo com a publicação do Seminário “El Colonial en America Latina”, coordenado por Aracy Amaral (1994).

<sup>5</sup> Artigo “Móveis, decoração, estilo”, autor anônimo, Revista A Casa, janeiro de 1944, p. 15.

<sup>6</sup> LOBATO, Monteiro Apud AMARAL, Aracy, “La Invención de un pasado”, AMARAL, Aracy (Org.), *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe e Estados Unidos*, São Paulo, Memorial, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 12.

<sup>7</sup> Alguns pesquisadores do neocolonial no país fazem referência ao termo relacionado ao pensamento de Eric Hobsbawn sobre o conceito “invenção das tradições”. HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence, *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, 320p.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Armando de, “A Architectura em nosso país”, in *Revista Architectura no Brasil*, abril/maio de 1922, pp. 1-2.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>10</sup> ALMEIDA SANTOS, José de, *Mobiliário Artístico Brasileiro*, São Paulo, 1944, p. 9.

<sup>11</sup> Na denominação do século XX, esses nomes podiam aparecer com ou sem o prefixo neo. Mesmo atualmente, na linguagem da maioria dos antiquários, é raro o uso do nome com o prefixo, embora se destaque que a peça seja uma cópia ou, simplesmente, seja “de estilo”, embora confeccionado no século XX. Nas revistas de arquitetura e decoração pesquisadas algumas vezes não constam nas legendas das fotos ou nos artigos ilustrados



a denominação dos móveis, geralmente o mobiliário era identificado como “estilo (neo) colonial”, “estilo antigo”, “estilo tradicional”.

<sup>12</sup> No Rio de Janeiro, a figura responsável pela divulgação do Movimento foi a do médico amante das belas artes José Marianno Filho (1881-1946). Fundador e presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (1921) e da Sociedade Central de Arquitetos, Marianno Filho também presidiu a Sociedade Brasileira de Belas Artes por muitos anos. Entre as décadas de 1920 e 1940, escreveu artigos na imprensa onde fez críticas e difundiu os ideais neocoloniais, além de participar ativamente das organizações de prestígio entre os arquitetos. A atuação de José Marianno Filho foi decisiva para a disseminação dos ideais do movimento através da propaganda que fazia do estilo em seus artigos nos periódicos, das conferências que apresentava e do patrocínio de concursos de arquitetura e mobiliário. Marianno é autor do artigo publicado na revista *Architectura do Brasil*, no qual define alguns dos preceitos básicos do estilo neocolonial, destinado aos jovens arquitetos, intitulado “Os Dez Mandamentos do Estylo Neocolonial” (1923).

<sup>13</sup> “Quando no começo do século XVII chegaram de Portugal os primeiros móveis franzinos no estilo Dom João V, todo mobiliário clássico brasileiro, rico ou pobre, pertencia ao chamado estilo Manuelino no que aqui se implantara e progredira, sob as vistas da Companhia de Jesus.” MARIANNO FILHO, José, *Acerca do Mobiliário Chamado Dom João V e o seu processo de nacionalização no Brasil*, MARIANNO FILHO, José, *Estudos de Arte Brasileira*, Rio de Janeiro, 1942, p. 57. O autor ainda atribuiu a expulsão dos jesuítas do Brasil ao “declínio” do estilo do Manuelino e a “ascensão” do estilo Dom João V.

<sup>14</sup> MARIANNO FILHO, José, *O verdadeiro mobiliário civil Dom João V brasileiro, e as transformações sofridas fora de sua época histórica*, MARIANNO FILHO, José, Op. Cit., p. 75. Em alguns antiquários também notamos a denominação (Neo) Filipino para móveis no estilo Neo Nacional Português, o que de certa forma faz sentido já que o móvel Nacional Português do período colonial recebeu influências espanholas através de seu mobiliário. O estilo Filipino embora possuísse linhas mais retas e trabalho decorativo mais simplificado, apresentava estrutura formal bastante similar ao do móvel Nacional Português.

<sup>15</sup> RODRIGUES, José Wash, *Mobiliário*, ANDRADE, Rodrigo de Melo Franco de (Dir.), *As Artes Plásticas no Brasil*, vol. 1, Rio de Janeiro, Sul América Seguros, Banco Hipotecário Lar Brasileiro, 1952, p. 182.

<sup>16</sup> Dom Manuel I governou Portugal desde fins do século XV até o primeiro quartel do século seguinte. Seu reinado foi marcado pelos descobrimentos portugueses como o caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama (1498) e do Brasil por Pedro Álvares Cabral (1500), e ainda pelo desenvolvimento do monopólio comercial. O rei utilizou a riqueza adquirida pelo país nessa época para construir edifícios no estilo Manuelino, como o Mosteiro dos Jerônimos. O estilo arquitetônico mesclava influências tardo-gótica com decorações que remetiam às embarcações e temas marítimos, influenciado principalmente pelas conquistas da época configurando uma linguagem particular da arte lusitana.

<sup>17</sup> Em linhas gerais, as transformações sofridas por todos os estilos neos não os descaracterizaram, apenas adaptaram sua forma e decoração ao contexto do mobiliário do século XX.

<sup>18</sup> MARIANNO FILHO, José, *O verdadeiro mobiliário civil Dom João V brasileiro, e as transformações sofridas fora de sua época histórica*, MARIANNO FILHO, José, Op. Cit., p. 77.

<sup>19</sup> MARIANNO FILHO, José, *O Estilo Ornamental Dom João V e seus compromissos com a ornamentação barroca de fundo jesuítico*, MARIANNO FILHO, José, Op. Cit., p. 62.

<sup>20</sup> RODRIGUES, José Wash, *Mobiliário*, ANDRADE, Rodrigo de Melo Franco de (Dir.), Op. Cit., p. 191.

<sup>21</sup> Percebemos, no entanto, que embora o estilo Neo Dom João V tenha sido nas revistas – e mesmo atualmente – o estilo neocolonial mais comentado, na maioria das vezes ele foi usado para designar um móvel Neo Dom José. O estilo de móveis de linhas rococós foi mais encontrado nos periódicos consultados e nos antiquários visitados do que o móvel Neo Dom João.

<sup>22</sup> Popularmente pronunciados como “Xipandéle”.

<sup>23</sup> Estilo inglês do século XVIII que ficou conhecido pelo sobrenome de Thomas Chippendale (1718-1779) a partir de uma publicação sua sobre projetos de mobiliários. O estilo, apesar de fazer alusão ao rococó, apresentava também influências góticas e chinesas no mobiliário – em formas orgânicas sinuosas que remetiam aos arcos góticos e em padrões geométricos chineses. As pernas cabriolés foram adotadas com pés terminando em volutas, garra-e-bola ou esfera achatada, e os assentos estofados contrapunham com a decoração vazada na madeira dos espaldares. Algumas pesquisas reconhecem uma pequena influência do estilo inglês nos espaldares de cadeiras do estilo colonial brasileiro Dom José que apresentavam trabalho mais elaborado de recorte das tabelas. Essa característica, no entanto não se apresenta no móvel chamado de “Chippendale” no Brasil na primeira metade do século XX.

---

<sup>24</sup> Incluindo sua variação mais simplificada – “*Chippendale*”.

<sup>25</sup> No artigo de José Marianno Filho, “O verdadeiro mobiliário civil Dom João V brasileiro, e as transformações sofridas fora de sua época histórica”, o autor apresentou alguns comentários sobre a produção de móveis de estilo no século XX, mas não chegou a elaborar um trabalho mais aprofundado sobre o assunto. MARIANNO FILHO, José, Op. Cit., pp.75-80.